

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE AGOSTO DE 1916

ANO I—N.º 3

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1\$00 SEMESTRE . . . \$50
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

CUSTA-ME já tratar este assumpto. Fui dos que tambem sonhei com a Navegação para o Brazil. A ela dispensei uma grande parte da minha dedicação, mas sem resultado. Vi desfazer todos os meus radiosos projectos nas aguas da indiferença nacional e tantas tem sido essas desilusões que, hoje, acho já irrealisavel tão importante problema de fomento e economia. Problema esse, que sempre tenho en-

mento, e um d'eles, pasmai leitores amigos, esteve na ordem do dia, quasi um mez!... Por fim o parlamento fechou sem lhe dar a sua sanção.

E' certo que já o *Diario do Governo*, publicou uma carta de lei, creando linhas regulares de vapores para o Norte e Sul do Brazil, Africa, India, Macau, etc., e ainda outras para os Açores e Nova York. Era, diga-se de passagem, um projecto grandioso, que

sem saber onde se iriam buscar os navios, para fazer taes carreiras, era, permita-se o termo, uma infantibilidade.

Tudo é assim na nossa terra; tão grandiosos tornamos os nossos ideaes, que tudo sossobra nos escolhos da impossibilidade.

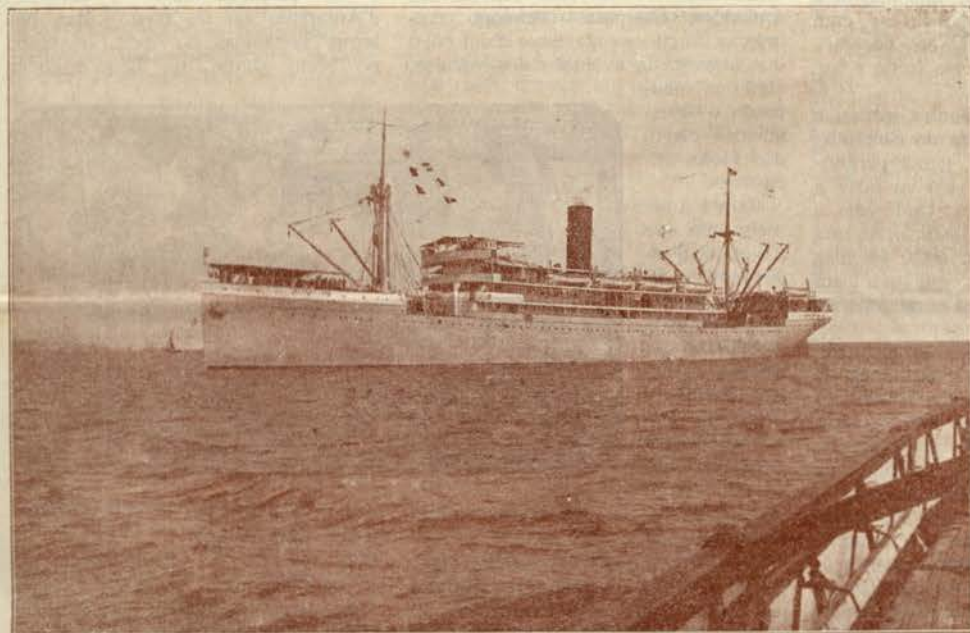
Ninguem entre nós, se lembra que tudo deve começar do nada para subir, e não na grandeza para descer.

Nós registamos, triste é dizel-o, um velho lema nacional: O de fidalgo arruinado.

Não tratamos de, com trabalho e dedicação, reconstruir o perdido, mas cantamos as glorias passadas e os pergaminhos que enobrecem o tombo nacional.

Esse facto manifesta-se mais na nossa epopeia maritima. Todos nós enchamos a boca com a descoberta da India, do Brazil, com a volta ao mundo por Fernão de Magalhães, e com a navegação e o commercio, que assombrou o mundo inteiro. E não olhamos ao estado lastimoso a que chegou a nossa marinha mercante, que está reduzida a meia duzia de viagens mensaes, para uma parte do nosso dominio colonial.

Paiz de navegadores, terra de marinheiros dos mais audazes do mundo, está hoje abandonado á navegação estrangeira, que nas horas alitivas do



carado por forma tão pratica, mas que, tem sido entravancado por mil e um obstaculos.

Muitas vezes tem ele tido a honra de ser tratado na imprensa, no parla-

viria dar um grande impulso á nossa parca marinha mercante. Mas... maldito mas. O concurso ficou sem concorrentes, como era de esperar. Fazer um programa tal,

PAQUETE «MOÇAMBIQUE»
DA EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

está hoje abandonado á navegação estrangeira, que nas horas alitivas do

seu commercio, lhe lançou á cara com desdenhosa ironia, uma afronta de que não é merecedor.

Refiro-me á Companhia Holandesa, que tirava aqui largos proventos, e agora com o protexto futil da guerra, felizmente pacifica para nós, deixou de mandar os seus paquetes aos nossos portos, pondo ainda por supremo desprezo nos seus anuncios, esse aviso humilhante:

*«Os passageiros de Portugal
teem que ir embarcar a Vigo.»*

como se houvesse em Portugal quem correspondesse a tão degradante comunicação.

Eu não tenho a veleidade de querer ver realisado o meu sonho do rejuvenescimento da nossa marinha mercante, com enormes paquetes de 15:000 toneladas. Não; isso seria morte certa, para quem se metesse em tal aventura.

Devagar que tenho pressa, dizia Pombal, infelizmente pouco lhe temos seguido a divisa. Queremos o Ideal, não nos lembrando que o optimo é inimigo do bom.

Comecemos, como começaram todas as grandes linhas de navegação, de pequeninos, com vapores modestos e de despesas faceis de cobrir.

Haja em vista o forte exemplo da Companhia Holandesa, que iniciou a sua linha para a America do Sul, com vapores velhos a cahir aos bocados, e hoje tem uma poderosa frota, e isto em meia duzia de anos.

Quando essa Companhia iniciou a carreira para a America do Sul, ouvi eu, no Brazil, muita gente perguntar assombrada: que vem cá fazer a Companhia Holandesa? Onde está o seu commercio com o Brazil, onde está a sua imigração, onde estão as suas tradições de amizade que a liguem ao Brazil? Quem entende na America a lingua holandesa?

Os vapores, eram já tão encanecidos, que quasi não tinham tabela de derrota, um encalhava aqui, outro incendiava-se acolá. Mas conseguiram triumphar, pondo dois anos depois, trez magnificos vapores, e d'ahi a dois anos mais dois excellentes paquetes, o *Geltia* e o *Tubancia*, que são a ultima palavra em conforto e velocidade.

Ora o governo holandez, quiz desenvolver o seu commercio no Brazil, e não fez como nós, servir-se de vapores alheios, preferiu os seus, certo que eles seriam os seus melhores caixeiros viajantes, dando assim um impulso colossal ao seu commercio e ás suas relações com a America do Sul.

Nós, estamos derreados ainda com

o supremo esforço dos audazes marinheiros de Cabral, e não nos importamos com o futuro, pensamos no passado.

Não quero de forma alguma desmerecer no patriotismo d'aquelles que se teem occupado da navegação para o Brazil. Mas de tantos projectos que teem apparecido o mais realisavel, é certamente o do sr. Antonio Pinto Basto, que se me não engano, é agora o presidente da comissão encarregada de utilizar os navios apropriados. Esse projecto consistia em contratar com a Empresa Nacional de Navegação fazer umas carreiras de ensaio para o sul do Brazil, e depois se resolveria, conforme as circunstancias o aconselhassem a forma de levar a efeito tão importante problema. E agora mais do que nunca se torna aceitavel tal alvitre.

Podia a Empresa Nacional, com os

seus magnificos vapores, *Moçambique, Africa, Beira e Portugal*, fazer umas carreiras quinzenaes para o Rio de Janeiro e Santos, com escala por Madeira, S. Vicente e Bahia, sob a responsabilidade do governo portuguez, carreiras essas a titulo de ensaio, mas que estou certo, dariam optimo resultado.

Em troca d'esses paquetes seriam dados áquella Empresa para fazer as carreiras d'Africa, quatro dos melhores vapores apropriados, e que segundo creio já teem o seu fabrico concluido.

Este seria o unico recurso que se me afigura facil, para resolver tão importante como momentoso assumpto, visto não podermos mandar os vapores apropriados, por o Brazil não os reconhecer devido á sua neutralidade.

GUERRA MAIO.

ROMARIAS DE PORTUGAL

LOGO que sobre a terra fecundada o solesticio estival marca a era pagã das ceifas, abre-se por todo esse ingenuo Portugal crendeiro o calendario pitoresco das romarias. Essas Kermesses meridionaes d'uma tão sugestionante bizarría de côr para o artista a quem atraíam os movimentados aspectos da vida sensual das multidões, são para o etnologo reveladoras do curiosa atavismo d'um povo que atravez da evolução dos seculos, continua mantendo o supersticioso culto dos Idolos ancestraes.

Rara é a semana em que n'alguma d'essas brancas vilas e aldeias devotamente ajoelhadas por montes e vales, entre pinheirae e ceiras, á roda das ermidas, se não cêlebre, com uma pompa medieval, a festa d'un milagreiro Santo.

Oh! os rumorosos arraiaes flamejantes de sol e de bandeiras drapejando, no turbilhão da poeira caustica; as lentas procissões desfilando, como cobras d'oiro, ao repique triumphal dos sinos; as confrarias d'opas e pendões escarlates; os anjinhos d'azas de cartão; os altos andores floridos, sobre a negra ondulação do povileu extatico,

entre o clangor estridulo das filarmônicas e o troar ensurdecedor dos foguetes de bomba real e dos morteiros de dynamite!

Na visinhança de Lisboa e do Porto, d'ano a ano, o consumo da agua benta cada vez se vae tornando mais inferior ao do planturoso vinho torreano e do verdasco acido e espumeo d'Amarante ou de Basto. Mas nas terras sertanejas do norte, sobretudo no beato Minho, na Beira trigueira



e na escalvada região trazmontana, estas revivencias do fetichismo primitivo estão ainda em gloria plena.

Pelo ardor fanatico e pela afluencia dos peregrinos suscitam as historicas celebrações do *Ano mil* a que todo um povo desde o berço imbecilizado pelo Jesuita e transido pelo pavor do inferno, acorria de camandolas e descalço, em legiões penitentes, batendo

nos peitos, uivando o Bemdito, a invocar, de rojos, a misericórdia da côrte celeste sobre os crassos burgos assolados pelo pezadelo da fome, da guerra ou da peste negra.

Alguns d'esses advogados sobrenaturaes das almas rudimentares da turba gosam ainda das prerogativas e privilegios de verdadeiros senhores feudaes do catholicismo, e continuam auferindo despoticamente, fôros consideraveis. Entre esses nababos do céu, famosos por seus milagres e prodigios, ha alguns, do norte, como o Bom Jesus do Monte, em Braga, o S. Torquato, em Guimarães, o Senhor de Mathosinhos, e as Senhoras dos Remedios, de Balsemão, e da Agonia, a cujo throno vêm prestar vassalagem anual até os povos das mais afastadas terras do sul.

As suas festas, como as saturnaes da velha Roma *pré-christã*, duram dias seguidos, com iluminações asiaticas, e fantasticas pirotechnias enchendo o céu nocturno de arborisações de flamas. E ascende a vinte, a trinta milhares a multidão reverente de romeiros que em bandos e caravanas confluem por estradas e corregos pedregosos das serras, atravez dos sequiosos, milhares e vinhedos que o sol em brazca calcina, n'uma reverberação de fulgores metallicos e cegantes.

Nada mais relebrante da vida animal e barbara que o desenrolar poly-cromo d'estas garridas farandolas. A' desgarrada, as guélas sonoras entoam em côro as trovas d'uma alacre poesia rural. E que typicas, algumas, pelo imprevisito de certas imagens picarescas e drolaticas.—pois este povo tradicionalista, sem perder, no intimo, o supersticioso terror das labaredas do Purgatorio, habituou-se a encarar os seus Santos como velhos morgados, meio curandeiros, meio frascarios.

Leguas e leguas, na ardente poeira irradiante, ao som monotomo e plangente das banzas e ferrinhos infatigavelmente vão, pulando a *Caninha verde*, o *Mulhão*, o *Vira*, todas essas danças regionaes que lembram os *batuques*, trazidos pelos avoengos tripulantes das caravelas que aportaram aos areaes africanos, e conviveram com o preto nas sanzalas conquistadas.

E arguendo no azul vibrante ramos verdes de louros, estes ranchos rusticos evocam as imagens esculpturales dos cortejos bachicos que o cinzel dos estatuarios gregos gravou no marmore dos vasos e dos sarcophagos.

Magnificos, herculeos e trigueiros, tostados pelo sol das ceifas, a véstia d'alamares ao hombro, camisa de riscado aberta sobre o thorax, arqueado como o dos touros novos, o chapeirão

braguez enramado de cravos e d'espigas os homens tem nos olhos arabes essa expressão languida e grave que reflectem as pupilas dos ruminantes. E elas, que esbeltas, harmoniosamente talhadas, com pequenas cabeças, coradas e morenas de Ceres rusticas; espessos cabelos castanhos ondulando sob os chapelinhos negros de borlas e plumas que prendem, nas nucas, os lenços variegados, deixando pender as pontas, de cada lado, até aos pescoços redondos e curtos; bocas escarlates de papoulas; olhos aveludados, pretos e humidos como auroras sylvestres; os côlos fartos de rolas, modelados



MULHER DE CAMPO ADORNADA PARA A ROMARIA

por lindos coletes de ramagens, a arfar sob o pezo dos grilhões d'ouro macisso; arrepanhadas nas ancas airosas as cinco ou seis saias de roda, que nos movimentos ageis da dança lhes mostram as pernas musculosas e torneadas, côr de barro cosido ..

Atraz, mudos, constrictos e descalços, de corôas d'espinhos na cabeça, caminham os *amortalhados*, como para um *aulo da fé*. As longas tunicas grotescas, sugerem os sanbenitos da Inquisição. Nas calosas mãos disformes de cavadores erguem os grossos cirios para galardear o Santo que lhes curou as *maleitas* ou a *sezão*, lhes salvou do mal a vinha ou o gado.

E a seguir, levando á cabeça o farnel ou a trouxa com as chinelas de verniz, arabescadas de retroz, as familias, pais e avós, com a andaina domingueira. A suar, as velhotas vão trotinando, e a filharada pula como um bando de demonicos garrulos; todos ufanos por transportarem, a tiracolo, a enorme borracha que contém no bojo de pele de cabra, vinho bastante para saciar as borracheiras que Velasquez e Rubens immortalizaram.

JUSTINO DE MONTALVÃO

Na romaria da aldeia

(VERSOS POPULARES)

Como és linda, oh compezoa,
Quanto tão meiga sorris,
E os dentes mostras d'aljofar,
Engastados em rubis!
Que lindos são teus cabelos,
Para mim prisões subltis!

Serei tudo quanto queira.
Sim, senhor, é como díz

Não podes crêr que te adoro,
Por vêr-me ainda assim tão moço?
Por dizer-te quanto sinto
Se occultal-o eu já não posso?...
Não vês que olhar-te um momento
Me causa tanto alvoroço?

Vejo, vejo; bem te entendo...
'Stás gordo... tens cada osso!...

Não fica bem o motéjo
N'essa bôca tão formosa!...
Nem um beijo me concedes
N'essa face côr de rosa?...
Dize que sim!... que te custa?...
Não sejas tão desdenhosa!...

Se lhe deixo dar um beijo?
Ai... deixo que sou briosa!

Não deixas, não, que tu foges,
Zombar de mim só quizeste;
No teu «sim» tão gracioso
Outra ideia não tiveste;
Nem d'outro modo faltáras
A' palavra que me deste!...

Pois eu fiz-lhe essa pormessas
Faria... pois não fizeste!

Não peço mais, que um amante
Enfastia quando abusa;
Mas eu sei que esse melindre
Nas aldeias ninguém usa;
Diz-me como é que te chamas?
Para isso não recusa!

Inda não sabe o meu nome?
Pois olhe, chamo-me Escusa.

Já que me desprezas!
Não tens dôr de quem padece:
Mas o fogo que me escaida
Inda assim não arrefece!
P'ra ser por ti adorado
Dava tudo o que tivesse!

Ora vês tu!... que fortuna,
Pela tarde me aparece!

Uma impressão tão ardente,
Meu peito jámais soffreu!
Não encontrarás no mundo
Um amor igual ao meu;
Vou dar-te um coração puro,
Aqui o tens... é só teu.

Ai... pois não, Marianninha;
Toma lá, que te dou eu!

Dize — eu amo-te! isto basta
Para eu não ser desgraçado;
Para abraçar-te e beijar-te,
Vou assentar-me ao teu lado,
Jurar-te ser teu esposo,
Oh, meu anjo idolotrado!

Ai... sabe o senhor que mais,
Adeus... temos conversado.

E podes, sendo tão bella,
Ser mais dura que um penedo?
Deixas-me triste, chorando,
A' sombra d'este arvoredô?...
Foge, sim, que és muito joven...
Fallei-te d'amor bem cedo!

Ai... não que o gato escaaldado,
T'ê d'agua fria tem medo!

IGNOTUS.

S. MARTINHO DO PORTO E O SEU MAGNIFICO HOTEL

As gravuras que acompanham esta noticia, representam a linda bahia de S. Martinho do Porto, sem con-

trafico do porto de S. Martinho, mas, outros muitos produtos do solo, especializando as notaveis fructas de Alco-

multo visitada por turistas e frequentada por banhistas.

Quem conhece S. Martinho do Porto, sabe que não exagerámos dizendo que é a mais linda povoação abrangendo dois aspectos: o marítimo e o campestre, simultaneamente.

Vai em breve ter um Hotel de primeira ordem, para o que já está



testação o mais pitoresco e o mais pequeno porto de mar de Portugal, e a perspectiva de um Hotel que vae ser construido em breve.

Como os nossos leitores vêem a bahia é uma concha, vendo-se no seu extremo a pequena barra, que, em época que não vae muito distanciada, dava entrada a muitas pequenas embarcações, que iam levar mercadorias em troca de madeiras do Pinhal de Leiria, para o que, desde a Marinha Grande até ali, havia em tempo um caminho de ferro rudimentar, pois que os vagons eram puxados a bois até ao alto de um declive, e chegado a este, eram tirados os animais que faziam a tração, seguindo os vehiculos pelo proprio im-

O NOVO HOTEL PROJECTO

pulso, apenas sustido pelo travão que o condutor manejava, até ao seu final destino.

Era, pois, a madeira, o principal

baça e Caldas da Rainha, tambem eram exportadas pela minuscula barra.

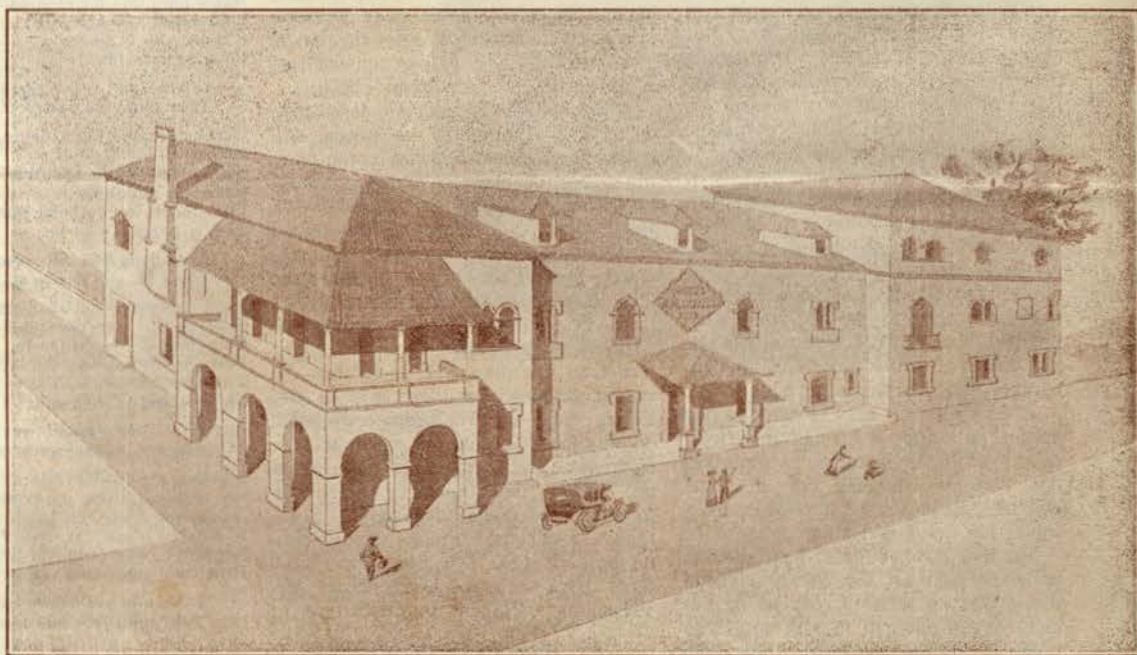
Hoje, esse relativamente grande trafico, desapareceu, continuando em muito pequena escala, mas se desapareceu essa fonte de receita, o turismo tem-lhe dado outra, compensadora, e tanto, que a vila de S. Martinho do Porto, está actualmente em tal apogeu, que difficilmente a reconhecera quem a viu ha uns vinte anos.

E' S. Martinho do Porto, povoação muito bem orientada, protegida dos ventos, de uma salubridade incontestavel e clima excèccional, e por isso

adquirido terreno, **S. MARTINHO DO PORTO A BAHIA**

mesmo em frente da bahia. Vimos o projecto que é dos engenheiros, srs. Perfeito de Magalhães e Joyce Fuschini, em estilisação portugueza, com belas acomodações, terraços, para se admirarem as belezas naturais, emfim todos os confortos modernos.

A iniciativa d'este melhoramento, como de muitos outros projectados não se limita á construção de um Hotel, mas, tambem aproveitar as riquezas naturais da localidade em aguas termais radio-ativas, cloretadas



e abundantes, até hoje inexploradas, dando-se ao projecto do edificio uma disposição que de futuro torne facil o augmento da construção e permita ao hotel, comportar maior quantidade de hospedes que ali afluam por motivo de cura.

Este facto era importante a considerar porque aquellas maravilhosas

aguas tem feito extraordinarias curas isoladas, especialmente de doenças de pele e reumatismos tenazes.

Juntando a isto a localização de S. Martinho do Porto, proximo das Caldas, da Rainha, da Nazareth, de Alcobaça, Marinha Grande, Batalha e Leiria, calcular-se-ha qual o futuro que espera á interessante povoação balnearia e termal.

TURISMO NAUTICO

O que se tem pensado fazer ácerca do turismo nautico?

Nada, absolutamente nada nos tem feito crer que uma leve sombra de cuidado demonstre existir com referencia á nossa situação marítima perante o *yachting*.

Temos caes abordaveis bem situados, temos energias dentro dos elementos que se interessam pelo desporto nautico, temos tudo, enfim, o que seria necessário para que o porto de Lisboa se acreditasse como nenhum outro junto dos grandes clubs estrangeiros onde raro se falla em digressões por aguas portuguesas.

Temos... temos, mas nada, absolutamente nada, possuímos para garantir ao turista *yachtman* as regalias e vantagens a que tem direito.

Tudo é difficil de fazer, entre nós, e em tudo se apresenta com obstaculos.

Não se faz uma ideia nitida e clara, do que seria o turismo nautico, não só em Lisboa, mas em todo paiz, não se avalia a importancia que as suas manifestações traduzem no conceito moral de um povo.

Por esse facto a propaganda em Portugal se limita ao sacrificio de um punhado de individuos para quem a *nautica* é o *tudo* do seu entusiasmo.

Mostramos com este facto, o quanto estamos ainda atrasados em materia de assumptos, nauticos, porquanto seja o *yachting*, uma marinha poderosa, credora dos maiores disvellos da parte de quem não ignora a sua influencia sobre o desenvolvimento do turismo.

Reclamam-se hoteis de primeira ordem, com luxo, (e com muita razão) pedem-se transformações no material circulante nos caminhos de ferro de modo a oferecer o maior conforto ao viajante; exige-se a publicidade de guias para forasteiros, aberturas de muzeus regionaes, concertos de estra-

das, etc., etc., mas ainda não se pensou no turista nautico que viaja no seu barco de recreio, que ficaria encantado com as belezas naturaes de um paiz privilegiado, pela sua situação geografica.

O *yachtman* logo que entra na nossa barra começa a lutar com mil e um embaraços. Ou não tem boia, ou não póde amarrar em logar seguro, ou está muito desabrigado, ou está de mistura com catraeiros, e, sobre tudo, está longe da sua *sociedade especial* que é para elles um centro nautico onde encontre pessoas com quem troque impressões, onde vá buscar elementos para viagens, onde se vá informar, enfim, do que é proprio do *Metier*.



Não se pode imaginar, sem experiencia propria, a decepção que se sofre quando o réclame em favor de um porto marítimo, impelle os turistas até elle, e ao chegar lá, não se encontra o menor vestigio das comodidades a que tinha direito.

Temos em Lisboa, um Club bem situado — o Club Naval.

Na frente da sua séde encontra-se um optimo quadro que muito bem serviria para os barcos de recreio, a exemplo de que se pratica lá fora, como em Nantes, Barcelona, Calais, etc...

Esta associação tem embarcações suas, tem socios muito competentes para dirigir manobras, tem as suas instalações bem montadas, e possui, sobretudo, o bastante para se equiparar ás suas congeneres no que diz respeito á recepção a prestar aos turistas *yachtman*.

Mas o que lhe falta para uma tentativa d'essa natureza?

Um ancoradouro especial.

O resguardo fronteiro á sua séde, está sempre coalhado de fragatas, o caes serve para vazadouro do lixo da cidade, oferecendo tudo, no seu conjunto um espectáculo vergonhoso.

Estamos quasi convencidos de que alguma cousa se poderia conseguir junto dos poderes publicos, pedindo-lhe em nome da Patria, a cedencia ao Club Naval de Lisboa, do Caes da Viscondessa, para se criar um espaço da marinha de recreio.

Com essa concessão, o Estado teria contribuido para fazer desaparecer uma lacuna importantes no porto de Lisboa, uma falta grave na propaganda do turismo.

Uma vez que o caes da Viscondessa apenas servisse para ancoradouro de *yachts*, o Club Naval, ou qualquer outro, instalaria o seu *bureau* tecnico, facilitaria as excursões e daria ensejo a que, ao contrario do que agora sucede, ficassem bem impressionados com a visita ao nosso porto.

Deveria ter a sua comissão de recepção devidamente constituída, para ir ao encontro dos turistas e indicarem o muito que é preciso indicar desde a entrada da barra até ao ancoradouro. Os clubs ou as entidades officias para tal cargos, desempenhar-se-hiam condignamente da sua missão, e o paiz lucraria sob todos os aspectos, quer moral quer material.

Os nossos hospedes sempre levariam boas impressões e deixariam muito dinheiro sem arrependimento.

LABINNA.

Aos nossos assignantes

Estamos procedendo á cobrança das assignaturas do 1.º semestre, e por isso rogamos ás pessoas que se dignaram apoiar a nossa revista, satisfaçam a sua importancia para nos evitar trabalho e despezas.

ARTE E LITERATURA

A SERRA BEMDITA

DE EÇA DE QUEIROZ

— Está tudo arranjado, meu Senhor! Vem ahí os bichos!... Só o que não calhou foi um selmsinho para a jumenta!

Era o carregador, digno homem, que voltava da Giesta, sacudindo na mão duas esporas desirmanadas e ferugentas. E não tardaram a aparecer no corrego, para nos levarem a Tormes, uma egua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertamos a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a egua ao senhor Tormes. E começamos a trepar o caminho, que não se alisára nem se desbravára desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatos ferados, cortando de rio a monte, os Jacinthos do seculo XIV! Logo depois de atravessarmos uma tremula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... — E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparavel beleza d'aquella serra bemdita!

Com que brilho e inspiração copiosa a compozera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, n'este seu Portugal bem-amado! A grandeza egualava a graça. Para os vales poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, d'um verde tão moço que eram como um musgo macio onde apetezia cahir e rolar. Através dos muros seculares, que sustem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raizes coleantes a que mais hera se enroscava.

Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flôres silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a solida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como prôas de galeras enfeitadas: e, d'entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farrigas de verdura, que o vento lhe semeára nas telhas. Por toda a parte a agua sussurrante, a agua fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, d'entre as patas da egua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; rios direitos e luzidios como cordas de

prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta á beira de vedas, jorrava por uma bica, beneficemente, á espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma ceára, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor o seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjaes rescedentes. Caminhos de lages soltas circundavam fartos prados com carneiros e vacas retouçando:— ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, n'uma penumbra de repouso e frescura. Trepavamos então alguma ruasinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e n'alma espalhava alegria e força.

Jacinto adeante, na sua egua ruça, murmurava:

— Que beleza!

E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava:

— Que beleza!

Frescos ramos roçavam os nossos hombros com familiaridade e carinho. Por traz das sebes carregadas d'amoras, as macieiras estendidas ofereciam as suas maçãs verdes, porque não as tinham maduras. Todos os vidros d'uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passamos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olme, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre contigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bemdita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhosos, chegamos áquella avenida de faias, que sempre me encantára pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e á egua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares gritou:— «Aqui é que estêmos, meus amos!» E ao fundo das faias, aparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu braço de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro já os cães ladravam com turor. E quando Jacinto, na sua egua suada, e eu

atrás no burro de Sancho, transpозemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nédio, rapado como um padre, sem colete, sem jaleca, acalmado os cães que se encarniçavam contra o meu Príncipe. Era o Melchior, o caseiro... Apenas me reconheceu, toda a boca se lhe escancarou n'um riso hospitaleiro, a que faltavam dentes. Mas apenas eu lhe revelei, n'aquella cavalheiro de bigodes louros que descia da egua esfregando os quadris, o senhor de Tormes—o bom Melchior recuou, colhido de espanto e terror como deante d'uma avantesma.

— Ora essa!... Santissimo nome de Deus! Pois então...

E, entre o rosar dos cães, n'um bracejar desolado, balbuciou uma historia que por seu turno apavorava Jacinto, como se o negro muro do casarão pendesse para desabar. O Melchior não esperava s. ex.ª! Ninguém esperava s. ex.ª!... (Ele dizia sua incelencia)... O sr. Silverio estava paro Castelo de Vide desde março com a mãe, que apanhára uma cornada na virilha. E decerto houvera engano, cartas perdidas... Porque o sr. Silverio só contava com s. ex.ª em setembro, para a vindima! Na casa as obras seguiam devagarinho, devagarinho... O telhado, no sul, ainda continuava sem telhas; muitas vidraças esperavam, ainda sem vidros; e, para ficar, Virgem Santa, nem uma cama arranjada!...

Jacinto cruzou os braços n'uma colera tumultuosa que o sufocava. Por fim, com um berro:

— Mas os caixotes? Os caixotes, mandados de Paris, em fevereiro, ha quatro mezes?...

O desgraçado Melchior arregalava os olhos miudos, que se embaciavam de lagrimas. Os caixotes?! Nada chegára nada apparecera!... E na sua perturbação mirava pelas arcadas do pateo, palpava na algebeira das pantalonas. Os caixotes?... Não, não tinha os caixotes!

— E agora, Zé Fernandes?

Encolhi os hombros:

— Agora, meu filho, só vires comigo para Guães... Mas são duas horas fartas a cavallo. E não temos cavalos! O melhor é vêr o casarão, comer a boa galinha que o nosso amigo Melchior nos assa no espeto, dormir n'uma enxerga, e amanhã cedo, antes do calor, trotar para cima, para a tia Vicencia.

Jacinto replicou, com uma decisão furiosa:

— Amanhã troto, mas para baixo, para a estação!... E depois para Lisboa!

(Continua)

PAISAGENS
PORTUGUEZAS

O MINHO

Terra de encanto, em que a videira abraça
Com terna graça o castanheiro em flor.

Eu adoro o Minho. E quem não
o adora? quem nunca o viu.
Quem nunca ficou estasiado ante a
vista admirável e soberba do Monte



de Santa Luzia, e **BRAGA**
quem não se sentiu **BOM JESUS DO MONTE**
poeta entre o murmurar lento do Ave,
quem nunca lhe deu vontade de sal-
tar para o folgado de uma romaria
m nhota? Quem não sente vibrar-lhe
uma alma de portuguez.

Minho, terra de romarias, paisagens
verdes e fragantes para noivos e sonha-
dores; rios encantados para poetas e
sentimentalistas.

Todo o Minho é um sonho.

A paisagem que nos deslumbra a
vista, o perfume suave e doce que nos
embalsama a alma, o canto vibrante
do melro saltando entre as ramarias,
onde a uva pende da videira quasi se-
cular, e ainda o canto melancolico do
rouxinol sacudindo os salgueiraes, nas
noites em que a lua cheia reflete, sobre
a terra bendita, uma claridade de sol
d'Agosto.

Eu fui um dia de longada por esse
Minho das romarias, e ao regressar sen-
ti que dentro de mim brotára uma
alma nova.

Mas não foi no comboio veloz e
poeirento que a Natureza se me espe-
lhou na alma. Foi nas jornadas nos
char-à-bancs por essas estradas agri-
naldadas de verdura, entre terras de
fartos milharaes; ora transportando-me
de Guimarães para Braga, ou indo em
paciente longada até Lanhoso, ao Ge-
rez, aos Arcos, a Monsão, ora des-
cendo ao lado do rio Lima, que as
sebes compactas, toldam de um verde
bronze, onde ás vezes nos parece sur-
gir aquelas minphas de que nos falam
a lenda e os poetas.

No Minho, tudo nos arrebatava e co-
move. Na romaria, desejamos vestir

uma jaleca e empunhar um
cacete, saltar para o meio da
folia, cantar á desgarrada com
as raparigas de tranças cahi-
das e de peitos a arfar, mais
de amor que de volupia.

Se subirmos ao Bom Jesus,
mordese-nos o beijo de inve-
ja ao ver passar sob os ce-
dros seculares, noivos sorrindo
e sonhando com felicidades
futuras; mas ao lado o cora-
ção comprime-se nos de dôr,
ao ver passar os penitentes sub-
bindo de joelhos, em lances
angustiosos, a escadaria do
santuário n'um fervoroso voto
de reconhecimento.

Mais além no Sameiro, a
virgem na solidão, convida-
nos a admirar um dos mais
belos panoramas do Mundo. Bemdita
jornada, consolado sacrificio de tão
grande subida. Ali, junto á sua capela
para qualquer lado que a vista se alar-
gue, uma intensa alegria e uma ex-
pansão de grandeza, embriaga-nos o
espírito da mais candida suavidade.

Os cerros vestidos de castanheiros
e de vinhedos, com a capelinha bran-



ca no alto dando uma nota
de piedade, descem para os
vales uberrimos, onde casaes de la-
vradores, com o seu eirado
das descamisadas e dos
castos beijos amorosos, nos
dão a impressão de um ca-
pitulo das *Pupilas do sr.*
Reitor.

Todo esse ambiente de
boculismo sentimental, é
cortado pelas aguas espe-
lhadas do Ave, que em
brandas curvas vae corren-
do mansamente e beijando
com amor as lavadeiras e
as mulheres da rega dos
milharaes.

Mas se descermos a Gui-
marães, temos que nos curvar ante o
seu castelo, onde a tradição tem em
cada pedra uma pagina da historia
patria.

Mais abaixo, a Natureza, esqueceu-



de do resto do Mundo **UMA FEIRA NO MINHO**
para nos deixar essa
encantadora Vizela, onde a par das
suas aguas milagrosas, armou um
toldo de verdura que o sol de agosto
não consegue descer.

O rio Vizela, com a sua ilha dos
Amores onde tantos sentimentaes teem
ido noivar, parece um Eden, para a
gente se esquecer da vida...

A falta do caminho de ferro que
nos leve ao Alto Minho não tem
permitted ensejo para se admirar essas
vilas esquecidas entre as verduras;
como sejam: Arcos de Val-de-Vez,
Ponte da Barca e Ponte de Lima, d'esta
ultima disse um poeta de raça, que era
a mais linda vila de Portugal, tambem
lá fomos e não tivemos vontade de
contradizer tão abalisada opinião.

Se formos a Viana do Castelo, ao
apearnos na sua estação, janota e
elegante, se se ao olharmos para o
escabroso monte de Santa Luzia, não
nos fica a impressão da sublime e
estasiante paisagem que de lá se dis-
fruta, mirando o Rio Lima que n'uma



doce alegria se vae jun-
tar ao oceano, depois de
fecundar as fartas planicies que o com-
primem, e cuja terra forte e creadora
é revolvida por charruas colossaes.

E a mulher minhota? Encantadora e meiga; dizem que a de Viana é linda, é-o certamente, mas para seu mal, vae-se vestindo pelo figurino de importação, e razão não lhe falta, pois a graça do seu vestido, em cuja cinta se lê a palavra *Amor* ou *Sau-*



PONTE DE LIMA *dade*, entrou na cidade fazendo o ridículo e hediondo papel de figurino carnavalesco.

Garrida e candida mulher de Viana, rasga o teu vestido, e despreza esta



MULHER DE VIANA

raça de *snobistas*, que te trouxeram para os bailes desgraciosos de Carnaval.

GUERRA MAIO.

EXPEDIENTE

Consideramos assinantes todas as pessoas a quem é enviado este numero, e não o devolverem.

— Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do país.

UM COMBOIO INTERNACIONAL PREJUDICADO PELA HORA HESPAÑHOLA

SEMPRE a Hespanha! Os leitores conhecem a historia do estabelecimento da viação acelerada na península, em que a Hespanha pôz os pés á parede não querendo aceitar a mesma largura de via da visinha França, e nós tivemos de sugeitarnos á via hespanhola que nos trouxe consideraveis prejuizos.

Pois se assim não fosse, seria uma delicia fazer o serviço directo, sem transbordo, de Lisboa a Paris, e mais alem.

Mas com isso a Hespanha mais sofreu do que nós, pois o seu trafego com a França é muito maior que o nosso, e d'ahi as enormes deficuldades que sofrem e não-de continuar a sofrer, porque estou certo, nunca mais lhe darão remedio, e todos os estudos feitos e futuros não-de sossobrar.

Agora com o adiantamento dos relogios, 60 minutos, em França e Portugal, estava naturalmente indicado á Hespanha fazer outro tanto, mas não fez, agarrou-se á sua ronceirice e continua na mesma.

Da nossa parte, tambem achámos um disparate, adiantar o relógio, para termos que ao olhar para ele, e reflectir, que ha uma hora a mais, melhor seria que os governos interessados nas madrugadas, fizessem uma lei, certamente mais violenta, mas de melhor resultado; era obrigar as suas repartições a abrir mais cedo, o commercio e theatros fecharem tambem mais cedo, e assim sucessivamente para as industrias que o necessitassem.

Era uma medida de largo alcance, e até nas coisas domesticas, em que o jantar passou á situação de ceia, pois muita gente ha que só janta ás 9 e 10 horas da noite.

E' claro que o governo não podia legislar a hora das refeições de cada um, mas quando nos obrigassem a ir para o theatro mais cedo, teriamos que jantar e não cear como agora sucede.

Mas vamos ao assumpto, as companhias francezas estabeleceram um excelente comboio entre Hendaya e Paris, que se a hora fosse igual nos trez paizes, teriamos a viagem de Lisboa a Paris em 41 horas, por Madrid. Mas assim quando o comboio hespanhol chega a Hendaya o comboio francez partiu ha 20 minutos!... Um transtorno enorme.

CONSULTAS

...*Sr. Redactor.*—Tenho desde ha muito vontade de visitar o Algarve, de que me dizem maravilhas, é agora boa ocasião?

O Alemtejo tem alguma coisa interessante que vêr?

E os hotéis?

T. S. T.

Em todas as epochas se pode visitar o Algarve, o seu clima é muito temperado a sua paisagem sempre ridente. Mas a melhor ocasião é o fim de setembro, quando as praias algarvias estão frequentadas, ou fins de fevereiro, quando o Algarve é um jardim todo florido, e os amendoais em flor são d'uma beleza sem igual.

Quanto ao Alemtejo, tem muito que ver e que admirar. Monumentos curiosos em Evora, Moura, Vila Viçosa, Vila Nova da Baronia. Terras modernizadas como Extremoz e Montemor, vastas herdades, celeiros a abarrotar de pão e campos sem fim, de sobreiros e azinheiras.

O Alemtejo tem coisas muito curiosas e superiormente interessantes, mas a epocha actual, é horrivel, um sol abrasador devasta tudo.

A melhor ocasião é em outubro ou em maio, quando os campos estão cheios de trigo, ainda verde, que torna a paisagem deveras interessante.

Hoteis, ha-os razoaveis, em Evora, Extremoz (Palacio Hotel, magnifico) Faro, Praia da Rocha, e ainda noutras terras, mas mesmo os que não primam pelo conforto, satisfazem pelo asseio.

Temos muitas outras consultas a que não podemos dar resposta aqui, por só interessar ás pessoas que se nos dirigem, por isso vamos dá-las pelo correio.

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.